

DOCENTES-MULHERES-PESQUISADORAS- MÃES-FILHAS: DA PRÁXIS AO SOFRIMENTO MENTAL

141

Joelma Silva Andrade¹
Douglas Tomásio²

RESUMO

O presente artigo analisa as dinâmicas de gênero e o sofrimento mental que acometem as docentes universitárias no cenário da educação universitária brasileira. Para coletar dados que possibilitem analisar possíveis relações entre sofrimento mental, trabalho docente e gênero, a pesquisa adotou uma perspectiva antropológica médica. O estudo foi delineado de forma qualitativa, descritiva e de campo. Foram conduzidas entrevistas com seis docentes da Universidade Federal de Minas Gerais, selecionadas por serem informantes-chave, com conhecimento, experiência e envolvimento na comunidade acadêmica, incluindo chefias, para obter suas opiniões sobre saúde mental, diferenças de gênero, trabalho e os impactos sobre a saúde psíquica da docente. Os resultados evidenciam que a sobrecarga crônica decorre de uma quádrupla jornada (ensino, pesquisa, extensão e gestão) que invade o espaço doméstico, gerando quadros de sofrimento mental e invisibilização institucional. Conclui-se que há uma necessidade premente de transitar do acolhimento individualizado para reformas estruturais e macroinstitucionais de equidade de gênero.

Palavras-chave

Sofrimento mental; Docência universitária; Relações de gênero; Maternidade; Produtivismo acadêmico.

Recebido em: 26.05.2026
Aprovado em: 05.07.2026

¹ Mestra em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência FM/UFMG Instituição: FAE/UEMG email: joelmapsic@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1350-4628>

² Doutor em Educação (UFSCar) e em Ciência (USP). Professor na UEMG. E-mail: dtlmeduc@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6831-950X>

SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 141-158, jan./jun. 2026

WOMEN TEACHERS–RESEARCHERS– MOTHERS–DAUGHTERS: FROM PRAXIS TO MENTAL SUFFERING

ABSTRACT

This article examines gender dynamics and the mental suffering experienced by female university professors within the context of Brazilian higher education. In order to collect data enabling the analysis of possible relationships among mental suffering, academic work, and gender, the study adopted a medical anthropological perspective. The research was designed as a qualitative, descriptive, and field-based study. Interviews were conducted with six professors from the Federal University of Minas Gerais, selected as key informants due to their knowledge, experience, and involvement in the academic community, including leadership positions, in order to gather their perspectives on mental health, gender differences, academic work, and the impacts on female professors' psychological well-being. The findings reveal that chronic overload stems from a quadruple workload – teaching, research, outreach, and administrative responsibilities – which extends into the domestic sphere, generating conditions of mental suffering and institutional invisibilization. It is concluded that there is an urgent need to move beyond individualized support toward structural and macro-institutional reforms aimed at promoting gender equity.

142

Keywords

Mental suffering; University teaching; Gender relations; Motherhood; Academic productivism.

Introdução

A configuração contemporânea da universidade pública brasileira reflete as transformações socioeconômicas introduzidas pelas políticas neoliberais de gestão pública. O modelo gerencialista, ao transpor a lógica empresarial de eficácia, eficiência e metas de curto prazo para o ambiente acadêmico, alterou substancialmente a práxis e a identidade do corpo docente. O (a) docente universitário, historicamente reconhecido por sua autonomia intelectual e função social transformadora, passou a ser submetido a mecanismos de heteronomia e vigilância produtiva constante.

Nesse cenário, o sofrimento mental emerge não como uma excepcionalidade biológica ou uma fragilidade individual, mas como um produto social direto das tramas organizacionais do trabalho. O adoecimento — manifestado por meio de estresse crônico, distúrbios do sono, depressão e Síndrome de Burnout — é frequentemente invisibilizado pelas próprias instituições. Cria-se um ciclo de silenciamento: o (a) docente camufla seus sintomas sob uma "courage protetora" individualista, temendo o estigma de incompetência ou falta de engajamento.

Esse impacto é perversamente assimétrico quando percorrido pelo recorte de gênero. As docentes-mulheres enfrentam o desafio estrutural de conciliar as demandas do produtivismo acadêmico com a responsabilidade histórica e cultural pelo cuidado do ambiente doméstico e da prole. A imposição social de múltiplos papéis (professora, pesquisadora, gestora, mãe, filha e esposa) gera o que a literatura qualifica como uma jornada cumulativa indutora de exaustão emocional.

Diante do exposto, este artigo delimita como problema central a seguinte indagação: *quais são os impactos psicossociais e estruturais que sustentam o sofrimento mental da docente universitária frente à intersecção entre o produtivismo acadêmico e as imposições de gênero?* O objetivo geral consiste em analisar os nexos causais entre a organização do trabalho no ensino universitário, a divisão sexual do trabalho e o sofrimento e/ou adoecimento psíquico dessas profissionais, mapeando caminhos para a superação institucional desse quadro.

Referencial Teórico

Trabalho e Docência Universitária

A investigação acerca dos nexos entre a práxis pedagógica e o sofrimento mental no cenário contemporâneo tem elegido à docência universitária como um objeto de análise central. Esse interesse justifica-se pela reconfiguração do trabalho docente, crescentemente sobrecarregado por demandas que extrapolam o perímetro da sala de aula. Coutinho, Pit Del Magro e Budde (2011) apontam que a intensificação da jornada laborativa, a exigência de alta produtividade e a flexibilização temporal culminam em sofrimento psíquico, uma vez que a esfera profissional passa a colonizar as demais dimensões da vida do sujeito.

Essa realidade é adensada por Cortez et al. (2017), os quais caracterizam o cotidiano acadêmico como potencialmente adoecedor. Os autores destacam vetores precarizantes como o prolongamento do trabalho no espaço doméstico, a subordinação das percepções docentes a diretrizes puramente mercadológicas, a atuação regulatória e gerencialista do Estado sobre o desempenho, a negligência ante as demandas afetivas e a escassez de estímulos à qualificação. Esse panorama engendra vivências de insegurança e competitividade interpares, deflagrando o adoecimento psíquico e desestabilizando o núcleo da identidade profissional (Andrade, 2021). Instala-se, assim, uma dialética paradoxal entre o prazer intrínseco ao ofício e o desprazer decorrente do desrespeito institucional e social, o que evoca a necessidade urgente de reavaliar criticamente os valores produtivistas e as lógicas avaliativas rigorosas que subordinam o trabalho nas universidades públicas brasileiras a condições de manifesta precarização (Campos; Vêras; Araújo, 2020).

Sob a ótica ontológica, compreender a totalidade da docência universitária exige articulá-la à historicidade e às forças sociais que circundam o sujeito. Conforme Freire (2019), a presença do indivíduo no mundo constrói-se na tensão contínua entre as heranças biológicas e as determinações sócio históricas e culturais. Nessa mesma linha, Arroyo (2000) reitera que o magistério integra uma construção social indissociável da história coletiva do trabalho, de seus saberes e de seus ofícios. As relações laborais passam, portanto, a ser mediadas pelo conflito entre "o que se pede"

institucionalmente e "o que a coisa pede" na prática real, tensionando a vitalidade da atividade que depende fundamentalmente da relação entre a ação do sujeito e o seu meio laboral (Alves, 2018). Quando o contexto do trabalho obstaculiza ou destrói a autoconstrução identitária, o ato de trabalhar passa a ser vivenciado paradoxalmente como uma busca de resgate de si pela expectativa de superação da realidade adversa (Mendes, 2011).

Diante disso, Paschoalino (2009) argumenta que trabalho e vida constituem dimensões indissociáveis e contraditórias, oscilando entre o sofrimento e a criação, a opressão e a dignidade. O entendimento dessa dinâmica requer tomar o trabalho como categoria analítica articulada às céleres transformações globais, as quais impõem vicissitudes que fraturam a identidade profissional do docente, provocando, frequentemente, uma cisão alienante entre o "eu pessoal" e o "eu profissional" (Nóvoa, 1992).

A identidade docente, por conseguinte, não se traduz em um dado estático; performa-se como um processo processual e temporal de acomodação de mudanças e inovações (Nóvoa, 1992). Inscrever-se em uma profissão significa inserir-se em regras de ofício dotadas de realidade social e histórica preexistente (Alves, 2018). Desse modo, as escolhas e a autonomia no controle do próprio trabalho convergem para o modo de ser do docente (Nóvoa, 1992), consolidando a identidade profissional como um construto em perene mutação, dialeticamente influenciado e influenciador do meio social e das transformações societárias (Paschoalino, 2009).

O trabalho não se reduz a uma atividade mecânica ou instrumental; constitui-se como um alicerce central de estruturação psíquica, mediação social e construção da identidade do sujeito. Quando o ambiente de trabalho viabiliza a mobilização da inteligência, o reconhecimento entre pares e a realização do desejo, o labor atua como fonte de prazer e emancipação.

Todavia, quando a organização do trabalho impõe restrições rígidas que impossibilitam a projeção da subjetividade e destroem a autonomia, o ato de trabalhar converte-se em um vetor de alienação e sofrimento. Na docência universitária contemporânea, observa-se a manifestação crônica do descompasso entre o "trabalho prescrito" (as normas institucionais, metas de publicação e exigências burocráticas) e

o "trabalho real" (a complexidade viva de mediar o ensino, orientar pesquisas, gerir departamentos e lidar com a escassez de infraestrutura).

De acordo com Silva (2020), o labor docente no ensino superior estrutura-se atualmente sob uma tríade danosa, quais sejam: a intensificação, ou seja, o aumento exponencial do volume de atividades dentro da jornada regular, exigindo que o professor opere simultaneamente em múltiplas frentes sem o suporte administrativo adequado; a extensificação que se instaura a partir da diluição das fronteiras temporais e espaciais do trabalho, potencializada pelas tecnologias digitais, fazendo com que as demandas acadêmicas invadam os fins de semana, períodos de férias e o ambiente doméstico; e a precarização à medida que ocorre uma deterioração das condições estruturais, instabilidade institucional e escassez de recursos para o financiamento de pesquisas, transferindo para o próprio docente o ônus de "captar recursos" e improvisar infraestrutura.

Essa engrenagem gera o chamado produtivismo acadêmico, sintetizado pelo aforismo "publicar ou perecer". Conforme assevera Leite (2017), o ranqueamento contínuo transforma o conhecimento científico em uma mercadoria abstrata, destituída de seu valor social e pedagógico original. O docente vê-se impelido a submeter artigos em ritmos frenéticos para legitimar sua competência, o que instala um clima institucional de competitividade e rivalidade entre os pares, esgarçando os laços de solidariedade coletiva.

As Imposições de gênero e o "Efeito-Tesoura" na ciência

A análise do sofrimento mental docente torna-se lacunar se desvinculada das matrizes patriarcais que estruturam as relações sociais. Historicamente, o campo da ciência, da alta pesquisa e do ambiente acadêmico institucional foi estruturado sob o domínio e a lógica de disponibilidade masculina. Às mulheres, reservou-se culturalmente o confinamento ao espaço privado do lar e o monopólio do trabalho de cuidado.

Embora o ingresso massivo de mulheres na docência superior represente uma conquista histórica incontestável, a organização institucional permanece assentada sobre o pressuposto de um trabalhador ideal abstrato: aquele que dispõe de tempo

SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 141-158, jan./jun. 2026

integral e linear, livre de interrupções domésticas ou encargos reprodutivos. Como assinalam Carpes et al. (2023), as mulheres no Brasil dedicam, em média, o dobro de tempo semanal às tarefas de reprodução social e cuidados domésticos em relação aos homens.

Essa disparidade temporal e energética gera o fenômeno sociológico denominado "efeito-tesoura" (ou *leaky pipeline*). Conforme demonstrado por Machado et al. (2019), as mulheres constituem uma parcela expressiva na base da carreira acadêmica (discentes de graduação e pós-graduação); contudo, sua representatividade decresce de forma drástica à medida que se avança em direção aos postos de maior prestígio, liderança científica e bolsas de produtividade em pesquisa. Dados do CNPq em 2016 indicam que as mulheres ocupavam apenas 36% das bolsas de produtividade total, evidenciando um afunilamento que coincide sistematicamente com o período de idade fértil e constituição familiar feminina (Machado *et al.*, 2019).

Para mitigar e justificar essa exclusão sutil, a ideologia patriarcal opera por meio de dispositivos simbólicos de romantização, como os mitos da "mãe super-heroína" ou da "mulher multitarefa". Como pontuado no relato da docente Paola (2021), tais *slogans* impõem padrões irreais que funcionam como mecanismos de coerção psicológica. Ao naturalizar a sobrecarga como um "atributo natural" feminino ou uma manifestação de amor incondicional, a estrutura social desonera o Estado e as instituições públicas de proverem redes de suporte e políticas de partilha do cuidado, empurrando a mulher para um estado permanente de culpa e inadequação profissional.

Maternidade e Maternagem: nexos de opressão e impactos psicossociais

Torna-se indispensável, sob a esteira teórica dos estudos maternos contemporâneos cindir as definições de maternidade e maternagem.

A Maternidade configura-se como uma instituição patriarcal, dotada de significados simbólicos, jurídicos e políticos rígidos que buscam regular o corpo, o tempo e o comportamento da mulher de acordo com os interesses de reprodução do capital. Já a maternagem (*Mothering*) refere-se à ação concreta, ao processo vivo,

cotidiano e histórico de cuidar do desenvolvimento de um sujeito dependente. Ao reposicionar a mãe de um substantivo institucional para um verbo prático, a maternagem liberta-se do essencialismo biológico, podendo ser compartilhada e coletivizada.

Constata-se que a assimetria na divisão social do trabalho doméstico sobrecarrega essas docentes com as demandas da maternagem, o que, por conseguinte, restringe o tempo despendido nas atividades de docência e pesquisa universitária. Configura-se, assim, um duplo vínculo impositivo: se, por um lado, as docentes são instadas a corresponder às expectativas sociais de dedicação integral para legitimar o papel de "boas mães", por outro, o inevitável distanciamento ou a redução do fluxo de produção científica — diante das exigências do produtivismo acadêmico — rotula-as como improdutivas, culminando em penalizações severas em suas trajetórias profissionais.

Esse cenário converge com as análises de Collier de Mendonça (2021, p. 59), ao pontuar que “[...] atualmente, muitas mulheres veem a maternidade e a maternagem como obstáculos para a realização profissional, pois assistem às mães perderem oportunidades de trabalho, prestígio social e poder econômico”.

Sob o prisma do discurso ideológico patriarcal e sexista que perpetua as disparidades de gênero, a idealização da "mãe perfeita" elide sistematicamente o sofrimento psíquico imposto às mulheres. Esse construto fomenta sentimentos crônicos de fracasso, exaustão, incompetência e isolamento social, manifestando-se em quadros severos de estresse, ansiedade e depressão, conforme corroboram os estudos de Collier de Mendonça (2021), Mokarin (2023), Santos, Nogueira e Mokarin (2023) e Fávero e Silva (2005). Trata-se de uma narrativa romantizada e nociva que submete as mulheres a uma mística de infalibilidade sobre-humana, operando como um mecanismo de silenciamento. Conforme assevera Mokarin (2023, p. 48) “Esse discurso “impede” a manifestação de dificuldades, e ainda desautoriza a experiência de estresse e a necessidade de ajuda, o que acaba negando sua própria humanidade [...]”.

À luz dos achados dessas investigações, evidencia-se a urgência de apreender a complexidade multidimensional — perpassando os eixos psicológico, social e político — que circunda a maternagem. Torna-se imperativo o fomento de políticas institucionais que rompam com paradigmas reducionistas e patologizantes, sobretudo

no âmago das universidades, espaço no qual essas mulheres demandam e possuem o direito de exercer plenamente suas potencialidades como docentes, pesquisadoras e mães atípicas.

Evidentemente, a formulação de alternativas para essa problemática prescinde de soluções simplistas ou abordagens ingênuas. Longe de esgotar o debate, esta reflexão sinaliza que um dos principais desafios contemporâneos reside na desnaturalização das desigualdades de gênero e na consolidação de uma práxis sensível às diferenças. Para tanto, é fundamental assegurar a centralidade e o protagonismo das docentes-mulheres-pesquisadoras-mães-filhas garantindo que suas subjetividades e reivindicações — historicamente silenciadas — alcancem visibilidade e legitimidade nos espaços de poder e saber.

Metodologia

O desenho metodológico desta investigação ancora-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo e exploratório. A escolha pelo método qualitativo justifica-se por sua capacidade intrínseca de operar no universo dos significados, motivos, aspirações, crenças e valores dos sujeitos históricos, dimensões estas refratárias à quantificação estatística pura.

No intuito de descortinar as correlações profundas entre trabalho docente, gênero e adoecimento, a pesquisa adota a perspectiva metodológica da antropologia médica, especificamente por meio da análise dos "sistemas de signos, significados e ações" proposta por Uchôa e Vidal (1994). Sob este prisma, compreende-se que as percepções e interpretações do processo saúde-doença-cuidado não são dados biomédicos puros, mas construções culturais e históricas mediadas pelas práticas cotidianas dos atores sociais.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com objetivos descritivos e procedimentos técnicos de campo, utilizando entrevistas com informantes-chave como instrumento de coleta de dados. Conforme Minayo (2012, p. 21), a pesquisa qualitativa busca responder a questões específicas relacionadas a aspectos que não podem ser

quantificados, como significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, entendendo que o ser humano não apenas age, mas também reflete e interpreta suas ações dentro da realidade compartilhada.

Para aprofundar as opiniões sobre saúde mental, gênero e trabalho, foram realizadas entrevistas com seis docentes de instituições públicas em Minas Gerais, que possuíam conhecimento e envolvimento na comunidade acadêmica, incluindo chefias e coordenadores. Segundo Bisol (2012, p. 722), entrevistas com informantes-chave são valiosas para obter informações profundas e insights sobre temas sensíveis, como saúde mental e sexualidade.

A análise das entrevistas buscou identificar como os participantes percebem sinais de sofrimento mental, atribuem significados a esses sinais, as ações tomadas diante do trabalho docente e do gênero, as implicações de ser mulher na docência universitária. As entrevistas exploraram temas como a definição de sofrimento mental, os sinais observados, os incômodos no trabalho docente, as estratégias de enfrentamento e seus impactos na saúde mental.

As entrevistas foram realizadas online, via *Google Meet*. Todas foram gravadas e transcritas literalmente para análise posterior, com anonimato garantido, evitando a identificação dos participantes para preservar o sigilo. Não houve relatos de desconforto relacionado às perguntas ou ao tempo das entrevistas, que variou entre 35 e 50 minutos. Os participantes não receberam benefícios financeiros pela participação.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado digitalmente e assinado, garantindo o compromisso dos pesquisadores com o anonimato e a confidencialidade dos dados. A pesquisa segue as normas éticas da resolução nº 466, de 2012, e foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG.

Foram revisitadas produções acadêmicas entre 2015 e 2021³, pesquisadas em bases como SCIELO e Google Acadêmico, com os descritores “Sofrimento mental”, “Docente universitário”, “Mulher” e “Maternidade”. Além disso, a fundamentação teórica contou com autores das áreas de saúde coletiva, saúde mental e trabalho.

Foram realizadas seis entrevistas com informantes-chave, numerados conforme a ordem cronológica para preservar o anonimato. Uma entrevista piloto (participante

³ No intuito de contribuir com a pesquisa realizada em 2021, acrescentou –se artigos e pesquisas até 2025.

1) auxiliou nos ajustes do roteiro e condução das entrevistas seguintes. A amostragem foi por conveniência, baseada no fácil acesso aos participantes.

As participantes demonstraram interesse e abertura para discutir o tema, o que possibilitou obter informações valiosas sobre suas experiências e percepções do sofrimento mental na docência universitária. No entanto, houve dificuldades para agendar as entrevistas devido à sobrecarga de trabalho, múltiplas reuniões e prazos curtos enfrentados pelos docentes, e alguns interessados não tiveram disponibilidade para participar.

Resultado e Discussão

A quádrupla frente laboral e o desgaste da práxis docente

Os discursos das docentes evidenciam de forma inequívoca o impacto destrutivo que a diversidade e o acúmulo de atribuições administrativas impõem sobre a saúde mental. O trabalho nas universidades públicas federais exige uma divisão de esforços que fragmenta o foco cognitivo e esgota a energia psicofísica da trabalhadora. Como aponta a Participante 6, o incômodo reside na natureza radicalmente distinta das atividades cotidianas: *“Nós temos quatro frentes de trabalho completamente diversas: ensino, pesquisa, extensão e gestão. Como organizar tudo isso no momento deste?”* (Andrade, 2021, p. 36)

A transformação da universidade em um aparato burocrático-mercantil esvazia o prazer intrínseco da atividade pedagógica. A docente vê-se transformado em uma preenchedora de relatórios cujo reconhecimento profissional está atrelado exclusivamente a métricas de publicação em periódicos indexados, relegando atividades cruciais como o ensino de graduação e a extensão comunitária a planos de menor prestígio institucional. Esse quadro de opressão institucionalizada gera um estresse crônico que antecede e prepara o terreno para o esgotamento psíquico profundo (Andrade, 2025).

A Divisão sexual do trabalho e as barreiras silenciosas de gênero

SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v.8, n.1, p. 141-158, jan./jun. 2026

e-ISSN:2674-905X

Quando o esquadramento analítico recai sobre a interface entre a vida profissional e doméstica, o discurso das entrevistadas expõe a persistência das assimetrias estruturais de gênero. A extensificação do trabalho faz com que o domicílio deixe de ser o espaço do repouso e da decompressão psíquica, transmutando-se em um segundo turno laboral braçal e de cuidado (Andrade, 2021). O relato da Participante 1 sintetiza graficamente essa sobreposição de demandas através da metáfora da "mochilinha pesada": *“Eu me sinto uma mistura dos papéis... ter que fazer vários papéis ao mesmo tempo, isso é difícil demais! Isso é uma mochilinha pesada”* (Andrade, 2021, p. 30).

A sobrecarga doméstica atua como um fator que sequestra o tempo que os pares masculinos direcionam de forma exclusiva à produção científica e à consolidação de suas carreiras no topo da pirâmide acadêmica. A participante 4 assume essa assimetria ao diagnosticar a desigualdade na distribuição do prestígio acadêmico: *“O que é valorizado é pesquisa, publicação... eu vejo sim que estou produzindo e tendo trabalho menos reconhecido que os outros, isso é claro e óbvio. No início me afetou muito, mas fui aprendendo ao longo dos anos a me despir dessa vaidade... Consigo manter publicações relevantes, mas não da mesma forma como os meus colegas fazem.”* (Andrade, 2025, p. 39)

O ato de "despir-se da vaidade" funciona aqui como uma estratégia defensiva de sobrevivência psíquica diante de uma estrutura institucional meritocrática que pune, de forma velada, a trabalhadora que assume os encargos reprodutivos da sociedade. A universidade ignora a desigualdade de tempo na divisão sexual do trabalho doméstico, avaliando o desempenho de homens e mulheres sob uma régua de igualdade abstrata e perversa.

Saídas Possíveis: do acolhimento individual às reformas macroinstitucionais

A superação do sofrimento mental da docente universitária exige a articulação de ações coordenadas em duas dimensões indissociáveis: o âmbito micro (clínico-

subjetivo) e o âmbito macro (estrutural-organizacional). A tendência histórica das universidades de reduzir o sofrimento a um problema de ordem puramente médica ou jurídica — encaminhando a servidora para consultórios privados e tratamentos medicamentosos isolados — precisa ser superada por uma compreensão coletiva do adoecimento (Andrade, 2021).

Uma das principais saídas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa foi o estabelecimento de parcerias e o diálogo horizontal com outras docentes. Esses laços configuraram espaços de acolhimento mútuo, troca de atenção, afeto (mesmo que mediado pelas telas) e amizade, operando como importantes suportes psicossociais. Também, a centralidade da rede de apoio familiar, sobretudo no manejo e compartilhamento dos cuidados com os filhos pequenos, uma vez que a sobreposição das esferas laboral e doméstica geram sobrecarga.

O manejo do sofrimento psíquico também demandou intervenções clínicas. O uso terapêutico de psicofármacos emergiu como uma resposta necessária diante do surgimento de sintomas agudos como ansiedade, insônia, irritabilidade, taquicardia, alopecia (queda de cabelo) e exaustão mental. A busca por processos psicoterapêuticos constitui outra ação prática essencial de enfrentamento. Essa modalidade de cuidado revela-se um espaço de elaboração diante do descontrole e da culpa gerados pela sobrecarga de papéis sociais.

Adicionalmente, a identificação com a própria atividade docente funcionou como um fator de proteção e motivação. O trabalho dotado de sentido e a qualidade das relações estabelecidas com a comunidade acadêmica atuam como barreiras contra o adoecimento.

As práticas corporais e o cuidado com a saúde física também são para a preservação do bem-estar mental, resgatando a atenção das docentes para si mesmas. Outros caminhos trilhados envolveram o desenvolvimento do autoconhecimento, o reconhecimento dos próprios limites limites emocionais e a apropriação de atividades prazerosas (como a culinária) como estratégias de escape e resiliência.

Por fim, a compreensão de que as saídas individuais e micropolíticas precisam ser articuladas a movimentos de pesquisa e à mobilização de políticas públicas estruturantes. Sin aliza-se a urgência de respostas institucionais que reconheçam as especificidades de gênero e as assimetrias que penalizam a docente universitária que

também desempenha o papel de mãe. Nesse sentido, iniciativas coletivas são vistos como vetores essenciais de transformação, como por exemplo o movimento *Parent in Science*⁴.

Dessa forma, as narrativas convergem para a necessidade premente de as instituições de ensino superior (IES) desenharem e implementarem ações direcionadas ao suporte de docentes-mulheres-pesquisadoras-mães-filhas.

Considerações Finais

A investigação acerca do sofrimento mental da docente universitária — sob a complexa intersecção das categorias de gênero, trabalho e maternidade — desvela que o sofrimento e/ou adoecimento psíquico na academia não constitui uma falha de adaptação individual. Trata-se, fundamentalmente, de um subproduto estrutural de um modelo de governança institucional gerencialista e hipercompetitivo. Esse modelo opera capturando a subjetividade das trabalhadoras e convertendo o desejo pelo fazer científico em métricas abstratas de produtividade.

Ao longo desta análise, evidenciou-se que a sobrecarga se manifesta de forma multifacetada. No plano laboral, a quádrupla jornada composta por ensino, pesquisa, extensão e pesadas demandas de gestão administrativa fragmenta o tempo vital da docente. Fora dos muros universitários, a persistência de uma estrutura sócio histórica patriarcal delega quase exclusivamente às mulheres a responsabilidade pelo trabalho de cuidado e pelas tarefas domésticas braçais. Esse descompasso cronológico e energético alimenta o "efeito-tesoura", afunilando e retardando a ascensão das cientistas a cargos de maior prestígio e liderança justamente durante seu período de idade fértil.

Frente a um cotidiano de cuidados ininterruptos, que não prevê pausas, licenças ou férias, a lógica meritocrática da universidade falha ao tratar a decorrente queda transitória de produção como descompromisso profissional. Além disso, mitos sociais românticos — como os *slogans* da "super-heroína" ou da "mãe especial" — atuam como dispositivos discursivos perversos que impedem a exteriorização do cansaço,

⁴ Para conhecer o movimento, acesse: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>.

interditam o direito à vulnerabilidade e geram sentimentos crônicos de culpa e inadequação social.

Para romper com o silenciamento e com a invisibilidade que empurram o sofrimento restritamente para a ordem médica e farmacológica individual, as evidências científicas coletadas indicam a urgência de uma abordagem bidirecional.

No âmbito micro, torna-se imprescindível a consolidação e ampliação de espaços coletivos democráticos de fala e escuta nas instituições, a exemplo das rodas de conversa sindicais e redes de apoio comunitárias. Tais espaços são vitais para desindividualizar a dor, reconstruir laços de solidariedade e resgatar o prazer intrínseco à práxis docente. No âmbito macro é imperativo consolidar reformas institucionais profundas. Iniciativas recentes, como a inclusão do campo de licença-maternidade no currículo lattes e a flexibilização de prazos em editais internos, marcam avanços significativos, mas ainda insuficientes. Há uma necessidade urgente de institucionalizar manuais de boas práticas que mitiguem o viés implícito em processos seletivos e progressões de carreira, garantindo critérios de avaliação diferenciados que considerem a parentalidade.

Por fim, o presente artigo reitera que pesquisar e dar visibilidade ao sofrimento mental das docentes-mulheres-pesquisadoras-mães-filhas constitui um ato de resistência política e epistemológica. A universidade pública brasileira não pode abrir mão de sua função social primordial de transformação e emancipação humana em nome de uma racionalidade mercantilista que adoece seu corpo docente.

Somente através da humanização das relações de trabalho e da desnaturalização das desigualdades de gênero será possível assegurar a produção de um conhecimento de excelência indissociável do direito a uma vida digna e saudável dessas docentes-mulheres-pesquisadoras-mães-filhas.

Referências

ALVES, Wanderson Ferreira Alves. *A invisibilidade do trabalho real: o trabalho docente e as contribuições da ergonomia da atividade*. Rev. Bras. Educ. v. 23, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-247820182300089>>. Acesso em: 04 mai. 2025.

ANDRADE, Joelma Silva. *Mulheres em territórios de conflitos e violência: a docente universitária e o sofrimento mental antes e durante a pandemia*. 2021. 79 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ANDRADE, Joelma Silva. *Docência universitária e maternidade atípica*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BISOL, Cláudia Alquati. *Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais*. Estudos de psicologia (Campinas) [online]. 2012, v.29, sup.1, p.719-726. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2012000500008&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em: 28 nov 2020.

CAMPOS, Taís Cordeiro; VÉRAS, Renata Meira; ARAÚJO, Tânia Maria. *Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica*. Revista Docência do Ensino Superior, Belo Horizonte, v. 10, p. 1-19, 2020. DOI: 10.35699/2447-6382.2020.15193. Disponível em: <https://ufmg.br>. Acesso em: 17 out. 2020.

CARPES, Daniella et al. *Manual para mães docentes e pesquisadoras*. [S. l.]: Movimento Parent in Science, jul. 2023.

COLLIER DE MENDONÇA, M. *Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo*. Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>>. Acesso em: 21 out. 2025.

CORTEZ, Pedro Afonso et al. *A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente*. Cad. Saúde Coletiva. 2017, Rio de Janeiro, 25 (1): 113-122. DOI: 10.1590/1414-462X201700010001. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v25n1/1414-462X-cadsc-1414-462X201700010001.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2020.

COUTINHO, Maria C.; PIT DEL MAGRO, Márcia L.; BUDDE, Cristiane. *Entre o prazer e o sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários*. Revista Psicologia: Teoria e Prática, vol. 13, São Paulo, ago. 2011, p. 154-167.

FÁVERO, M. A. B.; SANTOS, M. A. *Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura*. Psicologia: reflexão e crítica, v. 18, n. 3. p. 358-369. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/fgLcDdLJcTJK9YJjVHhYTbG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 out. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 59^a ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

LEITE, Janete Luzia. *Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico*. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 207-215, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MACHADO, Letícia Santos et al. *Pais na Ciência: o impacto da parentalidade na carreira científica no Brasil*. In: IEEE/ACM INTERNATIONAL WORKSHOP ON GENDER EQUALITY IN SOFTWARE ENGINEERING (GE), 2., 2019, Montreal. Proceedings... Montreal: IEEE, 2019. p. 37-40. DOI: 10.1109/GE47435.2019.00014. Disponível em: <https://iee.org>. Acesso em: 28 set. 2025.

MENDES, Ana Magnólia (Org.). *Trabalho e Saúde: O sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOKARIN, Gabriela Brasil. Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, Brasil. Título: *Estigma e estresse na Maternagem de pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo*. Ano de obtenção: 2023.

MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE. *Produtividade acadêmica durante a pandemia: Efeitos de gênero, raça e parentalidade*. Disponível em: <https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/ob341b_81cd8390dof94bfd8fcd17ee6f29bcoe.pdf?index=true>. Acesso em: 13 out. 2021.

NÓVOA, Antonio (Org.). Cap. I Os professores: Um “novos” objeto da investigação educacional? In: **Vidas de professores**. Parte I: Os professores e as histórias da sua vida. Coleção Ciências da Educação. 2^a ed. Porto: Porto Editora, 1992.

PAOLA, Laura. *Mãe, pesquisadora e docente... e agora??*. Boletim FAEB, ano 4, n. 3, maio, 2021, p. 39-43. Disponível em: <<https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2021/03/BOLETIM-FAEB-MAIO-DE-2021-11.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

PASCHOALINO, Jussara B. Q. *Matizes do mal-estar dos professores: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio*. 2007. 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. *O professor Desencantado: Matizes do Trabalho Docente*. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2009.

SANTOS, Maria Cristina Silva dos; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; MOKARIN, Gabriela Brasil Mokarin. *Maternidade ou maternagem: o lugar da mulher no cuidado do filho atípico*. Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, Brasil, v. 16, n. 4, p. 151–160, 2024. DOI: 10.18224/mos.v16i4.13512. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13512>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SILVA, Eduardo Pinto e. *Trabalho e subjetividade na universidade: por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento*. Archivos Analíticos De Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives, v. 28, p. 1-30, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7444033>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

UCHÔA, Elizabeth; VIDAL Jean Michel. Antropologia Médica: *Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 497-504, out/dez, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1994000400010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 dez 2020.